

PUEBLA

Uma Igreja das bases que faz a opção preferencial pelos pobres

*Leonardo Envall Diekmann**
*Ms. Pe. Adriano André Maslowski***

Resumo: No presente artigo buscamos resgatar o compromisso/responsabilidade ética que a III Conferência do Episcopado Latino-Americano assumiu com toda a Igreja da América Latina através da opção preferencial pelos pobres a partir de um modelo eclesial centrado na vivência comunitária e como esta influenciou a organização paroquial da instituição eclesial. Apresentaremos a realidade de extrema pobreza e opressão na qual se encontrava a população da América Latina. Assumindo a eclesiologia do Concílio Vaticano II, compreendendo a Igreja como Povo de Deus, Puebla buscou estabelecer caminhos para a superação das desigualdades sociais tão marcantes na América Latina. Puebla constitui, dessa forma, um pensamento mais articulado da Conferência de Medellín, fazendo uso da Teologia da Libertação como instrumento para a análise e transformação da realidade social na qual se encontra o povo, em vista da construção do Reino de Deus, a partir das comunidades cristãs.

Palavras-chave: Episcopado. Paróquia. Teologia da Libertação. Reino de Deus.

* Graduado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Pós-Graduando em Filosofia e Graduando em Teologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/IMT). Contato: diekleo@hotmail.com

** Presbítero da Diocese de Santo Angelo/RS. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Pós-graduado em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Pós-Graduado em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduado em Teologia pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Berthier (IFIBE). Contato: adrianolowski@yahoo.com.br

Introdução

Com o Concílio Vaticano II (1962-1965) a vida eclesial veio a mudar. De uma eclesiologia pautada exclusivamente no clero e na vida religiosa, adotou-se a compreensão de uma Igreja Povo de Deus (LG 32-33), através da qual foi reconhecida a missão de todos os cristãos leigos a partir do Batismo¹. O espírito de *aggiornamento* suscitou, na Igreja, maior abertura às “justas exigências do mundo de hoje, em suas profundas mudanças de estruturas, modo de ser (culturas), inserindo-se no mundo para ajudá-lo, respeitando sempre sua autonomia [...], num espírito de doação, de caridade total, diaconia². Em outras palavras, seria o retorno às fontes do Evangelho, na busca por vivê-lo no tempo hodierno. O movimento iniciado no Concílio Vaticano II prima pelo diálogo como remédio pastoral ante as aflições e indagações da humanidade³. Neste sentido “a Salvação não é colocada antes ou depois do mundo, mas dentro do mundo”⁴. Isso só é possível graças a um novo modo de fazer teologia, tomando as situações ou realidades, ligando-as à revelação, o que resulta em outras perspectivas e olhares⁵.

Neste processo de percepção da inserção eclesial no mundo, a Igreja tem a grande missão de construir o Reino de Deus. Porém, este é mais vasto e abrangente do que a própria Igreja. Assim, a Igreja não pode ser compreendida a partir de um fim em si mesma⁶. A Igreja Latino-americana compreendeu e assumiu este compromisso, tendo em vista a construção do Reino de Deus. Entretanto, a realidade na qual se encontrava a América Latina era extremamente diferente da vivenciada na Europa. O Concílio Vaticano II apresentava uma visão otimista

1 Cf. Aloísio LORSCHIEDER, *O mundo e a Igreja na véspera do Vaticano II*, p.6.

2 Aloísio LORSCHIEDER, *O Vaticano II e o diálogo*, p.23.

3 Cf. José O. BEOZZO, *Vaticano II, 40 anos depois*, p.12.

4 Aloísio LORSCHIEDER, *Linhas mestras do Concílio Vaticano II*, p.43.

5 Cf. Aloísio LORSCHIEDER, *Linhas mestras do Concílio Vaticano II*, p.42.

6 Cf. Aloísio LORSCHIEDER, *Eclesiologia do Vaticano II*, p.42.

de mundo, com infinitas possibilidades de futuro a partir do avanço científico e tecnológico que poderia e deveria ser colocado a serviço da vida. Mas, a América-Latina, a partir de Medellín, a África, e posteriormente a Ásia mostraram realidades bem diferentes, nas quais a vida clama por sofrer pela falta do básico para a sobrevivência⁷.

Diante dessa realidade, a “Conferência de Medellín assume e consagra as definições oferecida pelo Concílio Vaticano II”⁸. Dom Paulo Evaristo Arns chegou a afirmar que “Medellín era como o Vaticano [II] traduzido para a América Latina”⁹. Ao observar atentamente a realidade Latino-americana, os bispos do continente, reunidos em Medellín, constataram que a América constituía um submundo, no qual se vivia uma dependência opressora, num clima de injustiça instrumentalizada, marcado por atos de violência, intolerância, extrema pobreza, desrespeito a direitos básicos que garantem as condições mínimas para uma vida digna, consequências estas não de um capitalismo tardio, mas de um colonialismo interno e externo, que criou abismos sociais, dividindo a sociedade em classes antagônicas¹⁰.

Neste contexto, a Igreja Latino-americana faz a opção preferencial pelos pobres, estabelecendo uma luta contra o pecado social, renunciando ao luxo, a vaidade e as estruturas de poder, colocando-se ao lado dos menos abastados, reivindicando seus direitos, concedendo voz e vez aos excluídos da histórica, a fim de organizá-los e dar-lhes esperança de um futuro melhor. “A face de Deus passa a ser a face do pobre, do

7 Cf. Aloísio LORSCHIEDER, *O Vaticano II e o diálogo*, p.23.

8 Adriano A. MASLOWSKI; Leonardo E. DIEKMANN, *A Igreja De Medellín: Um Olhar Hermenêutico a partir da História*, p.55.

9 Lucelmo L. BRITO, *Medellín e Puebla: Epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina*, p.82.

10 Cf. Aloísio LORSCHIEDER, *30 anos de vaticano II no Brasil*, p.47.

oprimido, do marginalizado”¹¹. Surge o germe das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), do CIMI (Conselho indigenista Missionário), da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e, aos poucos, foram fomentadas as pastorais sociais. “Foi em Medellín que nasceu o pensamento cristão e teológico Latino-Americano, vivido na práxis pastoral da Igreja e na teologia que se denomina Teologia da Libertação^{12,13}”.

Nesta introdução buscamos realizar uma breve contextualização do que foi o Concílio Vaticano II, bem como suas implicações e influência na vida eclesial latino-americana desde a Conferência de Medellín, pois a partir desta a Igreja no Continente Latino-Americano jamais será a mesma. Assim sendo, no presente artigo buscamos refletir o modelo eclesial resgatado por Puebla através das comunidades eclesiais a partir da opção preferencial pelos pobres evidenciando algumas implicações éticas desta Conferência para o processo histórico da América Latina. Para tanto, faz-se imprescindível compreendermos a eclesiologia do Concílio Vaticano II que prima por uma Igreja Povo de Deus, bem como os desafios para edificação de tal compreensão na realidade paroquial, em meio

11 Adriano A. MASLOWSKI; Leonardo E. DIEKMANN, *A Igreja De Medellín: Um Olhar Hermenêutico a partir da História*, p.53.

12 "A TdL [Teologia da Libertação] articula a libertação ético-política, dando a ela a primazia da urgência histórica e, por isso também, metodológica, com a libertação soteriológica que detém indiscutivelmente a primazia de valor. [...] existe uma diferença no modo de assumir a temática da libertação ético-política e soteriológica, se comparadas às abordagens da teologia latino-americana com os documentos e pronunciamentos de Roma. Para a TdL, o segundo termo (libertação) da equação que compõe a terminologia TdL, designa em primeiro lugar libertação social, como questão capital deste contexto, razão do surgimento da TdL. No contexto latino-americano a palavra libertação faz referência em primeiro lugar à miséria real, ao sofrimento das pessoas, aos pobres deste mundo que necessitam de libertação" (Fábio C. JUNGES, *Teologia e Método: uma hermenêutica da teologia latino-americana*, p.77).

13 PADIN; GUTIÉRREZ; GATÃO *apud* Ney de SOUZA, *Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007): Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe*, p.134.

a um cenário onde a vida padece das condições básicas para a sobrevivência, onde o pecado social impera sobre a sociedade. Nossa reflexão não tem a pretensão de portar a voz da verdade, mas sim, instigar a reflexão quanto a este tema tão caro, que por vezes é banalizado em detrimento de uma compreensão eclesial espiritualista, desvinculada da realidade imanente, alheia ao sofrimento do Cristo manifesto na face do irmão marginalizado.

2 Puebla: a Igreja dos Pobres

Depois de Medellín¹⁴ a Igreja Latino-Americana jamais seria a mesma. Após se passarem 11 anos, a cidade de Puebla de los Angeles, no México seria a casa¹⁵ que acolheria a terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano¹⁶, no ano de

14 Diekmann e Maslowski nos recordam: “Realizada na Colômbia, a conferência de Medellín ocorreu entre 26 de Agosto à 6 de Setembro de 1968, tendo como tema: A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II. Sua convocação e abertura deu-se por Sua Santidade, o Papa Paulo VI” (Adriano A. MASLOWSKI; Leonardo E. DIEKMANN. *A Igreja De Medellín: Um Olhar Hermenêutico a partir da História*, p.48). Assim, o processo desencadeado por Medellín constitui “uma transformação iniciada no interior da vida eclesial, por meio da qual a Igreja assume gradativamente a vivência da pobreza, colocando-se no meio do povo, como aquela que caminha com seu povo” (Adriano A. MASLOWSKI; Leonardo E. DIEKMANN, *A Igreja De Medellín: Um Olhar Hermenêutico a partir da História*, p.51).

15 Utilizamos o termo casa em virtude da riqueza de significados que este termo tem na tradição cristã. Consideramos importante seu uso, pois “o primeiro espaço para as reuniões específicas das comunidades cristãs foi a casa [habitação]” (Ney de SOUZA, *Da Igreja doméstica à paróquia: aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia*, p.162). Como Medellín e Puebla constituíram espaços de reflexão interna na vida eclesial tendo em vista um retorno as fontes do cristianismo, buscando assemelhar-se a Igreja Primitiva, consideramos oportuno o seu emprego.

16 Segundo Brito, “a III Conferência estava marcada para 1978, porém, a morte do papa João Paulo I impediu que o evento ocorresse na data prevista. Passada a eleição de João Paulo II, em 16 de outubro de 1978 estabeleceram-se duas posições no interior do episcopado latino-americano. Um grupo defendia a

1979. O espírito profético estava se espalhando, cativando mais espaço interno na Igreja desse continente. Todavia, forças contrárias de caráter conservador¹⁷, buscavam frear este novo modo de ser Igreja por diversos motivos, dentre os quais, um envolvimento maior da Igreja com a política, o espírito de denúncia das injustiças e das incontáveis atrocidades realizadas pelas ditaduras da América Latina, a gritante disparidade econômica, bem como a exploração dos trabalhadores que tinha como objetivo a derrubada das barreiras da exploração (DP 30). A Igreja compreendeu que não se tratava apenas de um ciclo da história que viria a passar mediante a estruturação e organização da sociedade, mas sim da exploração do homem pelo homem. “A pobreza não é uma fatalidade [...]. Há pobres porque há homens que são vítimas de outros homens”¹⁸.

Tendo como pano de fundo a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de dezembro de 1975, do Papa Paulo VI, o documento conclusivo da Conferência de Puebla ressalta, de forma muito precisa, a realidade a cima mencionada, ao afirmar:

realização do evento em janeiro de 1979, utilizando a estrutura já montada, sob risco de arcar duas vezes com os mesmos custos. Esse grupo tinha ainda um outro motivador para sua posição, as eleições do CELAM seriam em março de 1979 e a correlação de forças no momento apontava para uma provável vitória das correntes progressistas. O adiantamento do evento garantiria um maior controle dos conservadores sobre sua realização, ademais, havia a esperança de que a presença de João Paulo II contribuísse com uma mudança na correlação de forças para impedir a vitória progressista no CELAM nas eleições que se seguiriam” (Lucelmo L. BRITO, *Medellín e Puebla: Epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina*, p.85).

17 “O Vaticano trabalhou intensamente para garantir que os conservadores saíssem vitoriosos do evento” (Lucelmo L. BRITO, *Medellín e Puebla: Epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina*, p.85).

18 Gustavo GUTIÉRREZ, *Teologia da Libertação*, p.239.

A luz da fé, [afirma o documento final da Conferência de Puebla], vemos a distância crescente entre ricos e pobres como um escândalo e uma contradição com o ser cristão. O luxo de uma minoria constitui um insulto à miséria das grandes massas. Essa situação é contrária ao desígnio do Criador e à honra a Ele devida. Nesta angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado social, aliás, bem mais grave por acontecer em países que se dizem católicos e que têm a capacidade de poder mudar tal situação (DP 28).

Puebla denuncia os “mecanismos geradores de pobreza” (DP 1155), que geram a “realidade escandalosa da América Latina” (DP 1154). Os bispos reunidos afirmam: “Reconhecemos com pesar a presença de muitos regimes de opressão em nosso continente” (DP 502). Os mesmos nomeiam “o sistema sócio-político imperante no continente de “sistema de pecado” (DP 92), gerador do “pecado social” (DP 28), fruto de uma “injustiça institucionalizada” (DP 44). Para tanto, Puebla utiliza-se da Teologia da Libertação como instrumento¹⁹ para superar tal situação de opressão visando a libertação integral do ser humano.

2.1 A teologia da libertação e a reflexão sobre o pecado social

No Concílio Vaticano II, a Igreja, em uma postura de diálogo, voltou-se às exigências do mundo moderno – democracia, cidadania, liberdade, personalidade, respeito a livre iniciativa, sinceridade, autenticidade, justiça social, cultura,

¹⁹ João Paulo II posicionou-se fortemente contra a Teologia da Libertação, chegando a afirmar que: “Ela não é uma verdadeira teologia. Ela deturpa o verdadeiro sentido do Evangelho. Conduz os que se deram a Deus para longe do papel verdadeiro que a Igreja lhes atribuiu. Quando começam a utilizar meios políticos, deixam de ser teólogos. Se é um programa social, então é matéria para a Sociologia. Se se refere à salvação do homem, então é eterna teologia, que tem dois mil anos de idade” (Lucelmo L. BRITO, *Medellín e Puebla: Epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina*, p.86).

progresso técnico-científico-econômico...²⁰. Porém, diante da realidade latino-americana, deparou-se com um contexto no qual tais exigências eram impossíveis, considerando o cenário de extrema pobreza, perseguição à liberdade de expressão, carência na área de desenvolvimento técnico-científico...

No centro de suas preocupações está o anúncio da Boa Notícia de Jesus e a construção do Reino de Deus. Para tanto, o projeto eclesial sonhado a partir de Puebla propõe e luta pela libertação integral do ser humano, rompendo com as estruturas de pecado social que estimulam e aprofundam as grandes desigualdades latentes na vida do povo latino-americano. O Reino de Deus é muito maior do que capitalismo mais ameno, ou a proposta do comunismo. Não se trata apenas de resolver os problemas sociais, econômicos e políticos. “O Reino é um projeto de Deus para a vida e a história da humanidade, tanto no tempo presente como na eternidade. Há uma dimensão política intra-histórica tanto quanto uma dimensão sobrenatural e escatológica”²¹. Assim, o projeto do Reino transcende, ultrapassa as limitações presentes na Igreja e na religião, pois é muito maior do que estas. Mas, para que o mesmo torne-se um fato e não mera ideia abstrata ou categoria linguística utópica, concernente estritamente ao mundo metafísico, cabe a revisão ética do pensamento humano em sua realidade antropológica, compreendendo que “o comportamento ético-humano é o mesmo do cristão”²², ou seja, não há como aceitar uma dissociação entre os fundamentos da fé cristã deixada por Jesus e propagada pelos Apóstolos com o nosso agir enquanto cristãos-humanos ou cidadãos. Não há, enquanto cristãos, como fazer-nos indiferentes ante o sofrimento do outro, pois segundo o cristianismo, este é meu próximo e sou responsável por ele.

20 Cf. Aloísio LORSCHIEDER, *O Vaticano II e o diálogo*, p.23.

21 João A. KONZEN, *Uma ética teológica para nosso tempo*, p.87.

22 João A. KONZEN, *Uma ética teológica para nosso tempo*, p.89.

Assumir a responsabilidade ética que recai não apenas sobre as lideranças eclesiais, mas sobre toda a Igreja Povo de Deus, constitui o desafio deixado por Puebla, rompendo e lutando contra as estruturas do pecado social que colocam milhões de seres humanos submissos a condições de vida infra-humanas. A opção pelos pobres constitui uma responsabilidade ética sobre os desvalidos da história latino-americana, massacrados, massificados e objetificados no período da colonização europeia, instrumentalizados e esquecidos pela história que é narrada pelos “vencedores”, ou melhor, pelos dominadores. Assim, ao aplicar o instrumental de análise social, descobriu-se que os pobres desse continente não são simplesmente pobres por acaso ou por um destino histórico, mas sim porque são empobrecidos, isto é, tornados pobres pelos mecanismos de exploração do capitalismo selvagem. Dessa forma, como os ancestrais desse continente foram escravizados e dizimados pela sede de poder do branco europeu, na modernidade, os povos latino-americanos padecem ante os mecanismos espoliadores que geram injustiça e morte²³.

Diante de tamanha situação, a busca pela libertação de toda e qualquer opressão constituiu o objetivo da reflexão teológica latino-americana, conjugando a dimensão soteriológica com a libertação histórica num movimento de mútua abertura. Portanto, “a pertinência da Teologia da Libertação é a fé positiva na sua relação com a história”²⁴, ou seja, o primado de Deus e sua manifestação ou revelação na história, sobretudo, em vista da libertação dos oprimidos. Constitui-se um processo histórico-libertador que é lido e interpelado a luz da fé²⁵. Teologizar a realidade latino-americana significa fazer a

23 Cf. João A. KONZEN, *Princípios norteadores da moral latino-americana: o que é específico?*, p.91.

24 Fábio C. JUNGES, *Teologia e Método: uma hermenêutica da teologia latino-americana*, p.78.

25 Cf. Fábio C. JUNGES, *Teologia e Método: uma hermenêutica da teologia latino-americana*, p.61.

hermenêutica da libertação, tomando por base os textos bíblicos a serem interpretados, relendo-os a luz da situação de opressão vivenciada e da busca/sonho pela libertação. Por meio de Puebla, a Teologia da Libertação instiga, estimula e propaga o acesso à Bíblia por parte do povo, uma novidade, considerando o fato de que foi o Concílio Vaticano II, em 1965, que concedeu o acesso do povo à mesma.

Não havia como ficar indiferente ante a grandes massas de pessoas sobrantes. Crianças, jovens, mulheres, homens, negros e indígenas, todos figuras que emergem de uma realidade infra-humana. São grandes massas sobrantes, deserdadas pelo sistema capitalista, nas periferias urbanas e rurais²⁶. O objetivo da Teologia da Libertação consistiu em elevar o pobre objetificado à condição de sujeito. Para tanto, a mesma faz uso do pensamento de Karl Marx para analisar a estruturação sócio-político-econômica da sociedade²⁷. Para libertar o sujeito da pobreza elevando sua condição de vida faz-se necessário um trabalho desarticulador das bases sociais a fim de reestruturá-las. Dom Aloísio Lorscheider chegou a afirmar que “não teremos um continente novo sem novas e renovadas estruturas”²⁸. Para tanto, utilizou-se o pensamento teórico marxista unindo-o a responsabilidade cristã para com os pobres, na busca pela libertação integral do homem²⁹.

Por fazer uso do pensamento marxista, a Teologia da Libertação foi duramente criticada e mal interpretada. Grande foi e ainda é sua contribuição para as realidades mais duras na América Latina, porém, não há como negar que houveram acidentes de percurso, nos quais a Teologia da Libertação acabou instrumentalizada, invertendo o princípio determinante ao colocar, no lugar de Cristo, o pobre como princípio

26 Cf. Clodovis BOFF; Leonardo BOFF, *Como fazer Teologia da Libertação*, p.41.

27 Cf. Clodovis BOFF; Leonardo BOFF, *Como fazer Teologia da Libertação*, p.45.

28 Aloísio LORSCHIEDER, *30 anos de vaticano II no Brasil*, p.47.

29 Cf. Clodovis BOFF; Leonardo BOFF, *Como fazer Teologia da Libertação*, p.115.

operante, o que resultou na politização da fé e em sua ideologização. Já lembrava Dom Aloísio Lorscheider que “fazer opção pelos pobres não é fazer opção contra ninguém. É fazer opção em favor da criatura humana”³⁰.

Em síntese, a Conferência de Puebla reafirma as posições de Medellín (DP 1134). O problema da libertação como um forte eixo de reflexão na Conferência de Medellín, “esteve também presente em Puebla, mas acentuando-se desta vez, não só a libertação da opressão, mas a libertação para a comunhão e participação”, constituindo assim a face de uma Igreja Sacramento de Comunhão (LG 1; DP 1302). Dentre os campos de reflexão e atuação da Conferência de Puebla estão: “a família (em especial a mulher), a juventude, os camponeses, o mundo operário, os afro-americanos, os meios de comunicação social, [...] as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)”³¹, sempre tendo em vista a proclamação da salvação por meio de Jesus Cristo. Puebla é, dessa forma, idealizadora de “uma Igreja missionária que anuncia alegremente ao homem de hoje que ele é filho de Deus em Cristo. Igreja que se compromete com a libertação do homem todo e de todos os homens” (DP 1304).

3 Uma Igreja Povo de Deus

A Conferência de Puebla pode ser compreendida como o pensamento de Medellín melhor articulado e desenvolvido, ciente das necessidades e anseios do povo latino-americano. Recuperando a teologia exodal, segundo a imagem de Deus YHWH que “viu a miséria do seu povo, ouviu seu grito por causa de seus opressores, conheceu suas angústias e desceu para libertá-los (Ex 3,1-9)”³², Puebla prima por uma Igreja

30 Aloísio LORSCHIEDER, *30 anos de vaticano II no Brasil*, p.49.

31 Ney de SOUZA. *Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007): Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe*, p.136.

32 Adriano A. MASLOWSKI; Leonardo E. DIEKMANN, *A Igreja de Medellín: Um Olhar Hermenêutico a partir da História*, p.53.

comprometida com a sociedade, com as comunidades, com os diferentes grupos sociais, indo ao encontro das realidades em vulnerabilidade social. Eis o importante papel que a Teologia da Libertação teve a oferecer neste contexto. Tanto Puebla quanto a própria Teologia da Libertação enfatizaram “a importância fundamental da inserção do teólogo [das lideranças eclesiais e religiosas] na realidade dos pobres e excluídos, pois o lugar social de onde se reflete determina o tipo de teologia produzida”³³.

Tal comprometimento é perceptível no novo modo de compreender as estruturas eclesiais, bem como o campo de ação da Igreja, a relação entre clero e povo, refletida na opção preferencial pelos pobres, assumindo um modo de ser Igreja pobre e dos pobres. Definindo a Igreja como Povo de Deus (DP 618), Puebla reconhece os grandes avanços por parte da hierarquia em assumir um estilo de vida sóbrio e desinteressado das estruturas de poder. “Pouco a pouco, a Igreja foi-se desligando daqueles que detêm o poder econômico ou político, libertando-se de dependências e prescindindo de privilégios” (DP 623). Porém, o documento ressalta que “são precisas ainda maior abertura do clero para com a ação dos leigos, superação do individualismo pastoral e da autossuficiência” (DP 623). Os bispos reconhecem que houveram falhas no processo evangelizador, desde a Conferência de Medellín, ao afirmarem que “não se deu suficiente atenção à formação de líderes educadores da fé e de cristãos responsáveis nos organismos intermediários do bairro, do mundo operário e agrário” (DP 623).

Ao longo da Conferência de Puebla, as preocupações do episcopado estavam centradas na salvação integral dos fiéis. Isso significa que não basta apenas a assistência espiritual. É indispensável cultivar uma espiritualidade que se expresse em

33 João A. KONZEN, *Princípios norteadores da moral latino-americana: o que é específico?*, p.91.

ações sociais. Para Leonardo Boff, a Teologia da Libertação favorece o desenvolvimento de uma autêntica Igreja popular. “É preciso ter a coragem de deixar crescer uma Igreja popular, uma Igreja do povo, com os valores do povo, em termos de linguagem, expressão litúrgica, religiosidade popular, etc. Até há pouco a Igreja não era do povo, mas dos padres para o povo”³⁴. De um modelo de “Igreja para o povo” para uma “Igreja do povo”. Essa passagem não era tão simples, ainda mais se considerarmos o modelo teológico hierárquico que vigorou na Igreja por mais de mil anos.

Falar de uma Igreja do povo significa, antes de tudo, que a Igreja se faz povo, compreendendo-se como uma Igreja rica em ministérios, na qual o clero é apenas uma parte e não o centro. Para se tornar povo a Igreja precisou assumir a realidade vivida pelas pessoas no dia a dia, em outras palavras, a Igreja precisou encarnar-se na história, fazendo-se parte da vida das pessoas em todas as suas instâncias. Ao assumir a luta por direitos, igualdade e dignidade, a Igreja toma como seu objetivo central a libertação integral do homem e da mulher latino-americano. “A luta do povo na Igreja e do povo na sociedade coincidem”³⁵.

A Igreja se faz povo e, enquanto tal, sua estrutura deve estar a serviço das pessoas, da vida com dignidade. Ao se compreender povo não há lugar, na Igreja, para o individualismo, pois a vida torna-se comum, os sofrimentos, os sonhos e os projetos são de todos. A unidade de uma Igreja popular não reside simplesmente na comunhão de fé. Antes, perpassa a comunhão integral entre as pessoas. Comblin recorda que “o que faz a unidade da Igreja são os trabalhos assumidos em comum, as lutas comunitárias, os confrontos assumidos em comum, as tarefas comunitárias, os movimentos que procuram transformar o mundo num trabalho comum”³⁶.

34 Leonardo BOFF, *Igreja, carisma e poder*, p.223.

35 José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.97.

36 José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.148.

A proposta de uma Igreja popular, uma Igreja dos pobres implica em sair “das sacristias” e colocar-se em meio a realidade popular, oprimida, dominada e explorada. Em outras palavras, é adentrar no mundo da pobreza em busca da libertação do povo, sua emancipação. É busca por dar voz e vez aqueles que clamam silenciosamente nas periferias e nos afastados rincões do meio rural. Mas, como fazer isso? Seria possível para a Igreja adentrar nesses espaços? E o que fazer com a estrutura paroquial?

3.1 A paróquia como explicitação da Igreja Povo de Deus

Ao fazer-se povo, assumindo para si a realidade das camadas mais baixas da sociedade a Igreja Católica no continente latino-americano coloca-se junto daqueles que, historicamente foram considerados massa sobrando. Tomando a Teologia da Libertação como instrumento para promoção da emancipação dos pobres, a Igreja estimulou a associação da Palavra de Deus à vida do povo. Ao encontrar nas Escrituras a inspiração e a força que moveu o Povo de Deus outrora, pelo deserto, também naquele dado momento da história da América Latina, Deus chama seu povo para a transformação de sua realidade (Ex 15ss).

As estruturas eclesiais são colocadas a serviço da vida. Dessa forma, a estrutura deve promover a vida e não a vida humana estar a serviço da estrutura. São fomentadas as comunidades eclesiais de base (CEBs), como instrumento de transformação social a partir da fé popular. Estas, nascem portadoras de um caráter de uma Igreja itinerante, peregrina, que não dependia de construções catedráticas. A Igreja que nasce das bases se reúne nas casas, ao redor da mesa que também acolhe as refeições das famílias. Não se trata de uma Igreja que simplesmente está nas bases, mas é um período da história no qual as bases foram Igreja, sentiram-se parte da Igreja. Um

tempo no qual falar do Evangelho foi sinônimo de falar de justiça social. Nunca antes fora tão incentivada a leitura da Palavra de Deus através da *Lectio Divina*. Em outras palavras, a Igreja fez-se povo para que o povo pudesse se tornar sujeito de sua própria história³⁷.

A Conferência de Puebla desperta uma preocupação especial sobre o tema da família cristã. Nela são dados os primeiros passados da fé. Ela é a primeira comunidade que depois se desenvolve e torna-se base da Igreja. Assim, Puebla a define como “o primeiro centro de evangelização” (DP 617). Esta, por sua vez, padece em meio às mudanças estruturais da sociedade, o abandono dos valores cristãos, a banalização do casamento e da sexualidade, da imaturidade no processo educacional dos filhos, as desigualdades sociais, a necessidade de um trabalho digno, as condições básicas para oferecer uma qualidade de vida aos seus membros. No entanto, é do seio familiar que os bispos latino-americano compreendem um possível caminho de renovação interna e externa, da Igreja consigo mesma e com o mundo na qual ela está inserida através de uma autêntica vivência do cristianismo por meio da comunidade (DP 570). Ela – a comunidade – é o eixo central por onde perpassa a vida cristã e a possibilidade de uma mudança concreta na realidade familiar, social e eclesial.

Em meio a este cenário, no que diz respeito a paróquia, sua estrutura e missão, houve grande renovação desde o Concílio Vaticano II, considerável mudança de mentalidade por parte dos pastores, instituição de conselhos nos quais os leigos tem participação e voz, catequeses vivenciais e uma presença mais assídua do presbítero em meio a seu rebanho (DP 631). Enquanto integradora da diocese, a paróquia passa a ser compreendida não apenas como um órgão, mas como a união

37 Cf. José COMBLIN, *O povo de Deus*, p.201.

das múltiplas pastorais, CEBs³⁸, setores e comunidades. Assim, Puebla define a paróquia como aquela que:

realiza uma função de Igreja em certo sentido integral, já que acompanha as pessoas e famílias no decorrer de toda a sua existência, na educação e crescimento na fé. É centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos. Aqui, amplia-se mais o horizonte de comunhão e participação. A celebração da eucaristia e demais sacramentos torna presente de maneira mais clara a totalidade da Igreja. O seu vínculo com a comunidade diocesana é garantido pela união com o bispo, que confia a seu representante (normalmente o pároco) o cuidado pastoral da comunidade. A paróquia vem a ser para o cristão o lugar de encontro, de fraterna comunicação de pessoas e de bens, superando as limitações próprias às pequenas comunidades. Na paróquia se assume, de fato, uma, série de serviços que não estão ao alcance das comunidades menores, sobretudo em nível missionário e na promoção da dignidade da pessoa humana, atingindo-se, assim, os migrantes mais ou menos estáveis, os marginalizados, os separados, os não-crentes e, em geral, os mais necessitados (DP 644).

No seio das comunidades constata-se o crescimento de uma fé, a partir das relações interpessoais, na proximidade entre as famílias, na participação à mesa da Eucaristia, no compromisso com a justiça e em maior comunhão com os pastores (DP 640). Assim, a vivência dos cristãos em comunidades eclesiais menores favorece o espírito de unidade, fomenta a adesão a Cristo, propicia uma vida mais evangélica, colabora no discernimento sobre aquilo que não está em sintonia com o Evangelho de Cristo e promove um autêntico ardor na

38 A comunidade eclesial de base, enquanto comunidade, integra famílias, adultos e jovens, numa íntima relação interpessoal na fé. Enquanto eclesial, é comunidade de fé, esperança e caridade; celebra a Palavra de Deus e se nutre da Eucaristia, ponto culminante de todos os sacramentos. [...] É de base por ser constituída de poucos membros, em forma permanente e à guisa de célula da grande comunidade (DP 641).

construção do Reino de Deus, uma nova sociedade, a civilização do amor (DP 642). As comunidades tornam-se, dessa forma, uma extensão da realidade familiar, na qual os membros preocupam-se uns com os outros, amparam-se, partilham a vida, ou seja, uma autêntica *domus ecclesiae*.

Há um forte incentivo para a formação das comunidades de base, pois estas exercem um papel significativo nos diferentes meios sociais, seja urbano ou rural. “É preciso procurar como possam as pequenas comunidades, que se multiplicam sobretudo na periferia e nas zonas rurais, adaptar-se também à pastoral das grandes cidades do nosso continente” (DP 648). As comunidades de base possuem fundamental importância no processo de inter-relacionamento entre as pessoas, no estímulo e adesão à Palavra de Deus como instrumento para a revisão da própria vida e para iluminar a reflexão sobre a realidade vivenciada. Percebe-se ainda, a partir das CEBs, um real comprometimento com a família e com o trabalho que dignifica o ser humano. Nelas são incentivados os ministérios leigos, o protagonismo eclesial, a catequese familiar e a vivência da fraternidade em comunidade.

A reflexão desenvolvida em torno do tema do laicato estimula a participação dos cristãos leigos e leigas na vida eclesial, sem dissociar-se da vida do mundo, pois a Igreja é o Povo de Deus que manifesta sua vida na comunhão (DP 618). Assim, nas palavras do próprio documento de Puebla (DP 777), a missão dos leigos “está conjuntamente formada na missão da Igreja. Isto tudo para apresentar a fisionomia de uma Igreja comprometida com a promoção da justiça em nossos povos”³⁹. Esta preocupação está calcada em uma percepção, a partir de uma análise de conjuntura da realidade latino-americana, na qual, constatou-se um “divórcio”, na vida do povo, entre fé e vida, instigado e promovido pelo secularismo e por um sistema que antepõe o ter mais ao ser mais (DP 783). A vocação leiga

39 Cesar KUZMA, *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*, p.78.

encontra-se no mundo⁴⁰, no engajamento e na participação a partir dos múltiplos apostolados nos diversos setores da sociedade, sobretudo na política (DP 507-562), guiados pelo Evangelho e pelo Magistério da Igreja. Nesse processo, a figura da mulher ganha destaque na vida da Igreja e no processo de evangelização, refletindo sua dignidade e igualdade perante o homem, seja no mundo do trabalho ou ainda no exercício dos ministérios eclesiais (DP 841-848).

Além disso, o presbítero a frente da paróquia é pastor a semelhança de Cristo, promotor da comunhão da comunidade com o bispo (DP 653). Nessa vida comunitária, os leigos também devem sentir-se responsáveis pelas comunidades participando ativamente da dimensão administrativo-pastoral das mesmas através dos conselhos pastorais, reuniões de planejamento e organização. Para tanto, faz-se imprescindível romper com a primazia do administrativo sobre o pastoral e o autoritarismo clerical, superando o individualismo pastoral e a autossuficiência, insistindo numa opção dedicada à pastoral de conjunto que estimule as pastorais, apostolados e movimentos, tornando a paróquia um verdadeiro centro de promoção de serviços a serviço das comunidades que a compõem (DP 627; 648).

Considerações finais

Puebla constitui um pensamento a partir de Medellín, porém, mais articulado, compreendendo a Igreja em toda sua vitalidade como fermento de transformação desse mundo, organizada em comunidades de base (CEBs), movimentos e apostolados leigos, organizações de casais e jovens, através dos quais a vida eclesial seja cada vez mais assumida pelo laicato a partir de nossos ministérios de serviço. Ao assumir uma opção profética preferencial pelos pobres, a Igreja latino-americana

40 Cf. Cesar KUZMA, *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*, p.79.

toma para si a responsabilidade ética das incontáveis vidas que padecem em um sistema de morte, no qual o direito a dignidade de vida, a liberdade de expressão acaba por serem suprimidos e negados por regimes totalitários e um sistema econômico selvagem que suga a vida do trabalhador em detrimento do capital, da acumulação do lucro na mão de poucos.

Acusada de misturar marxismo ateu com a fé cristã, a Igreja latino-americana buscou, através da Teologia da Libertação, trilhar caminhos e encontrar respostas para a situação de sofrimento humano ao qual padecia seu povo. A Igreja reunida em Puebla é essencialmente profética. Ao compreender que o Reino de Deus transcende as especificidades e limitações da institucionalidade da igreja, a mensagem de Cristo e sua missão em vista de uma realidade mais fraterna e justa vão mais longe, chegando a realidades as quais, as barreiras doutrinárias da instituição não permitiriam chegar.

Ao mesmo tempo, Puebla conclama a presença dos religiosos e sacerdotes ordenados nas periferias, nos locais mais pobres, por meio da qual até mesmo os bispos possam assumir para si uma vida simples e no meio do povo, vivendo o espírito de colegialidade. Sonha-se com uma Igreja missionária, que partilhe valores e experiências, desprendida dos bens materiais, que favoreça o intercâmbio de pessoas e bens (DP 655). Sonha-se com uma Igreja que apresenta-se aos fiéis de forma terna e amorosa, a semelhança de uma mãe que tutela por seus filhos e pelo bem estar da família. Nesse processo, a vida eclesial paroquial proposta por Puebla é vivida na família, inserida em comunidade. A paróquia aparece como o grande ponto aglutinador desse processo, no qual pela proximidade das relações humanas estabelecidas entre as pessoas pertencentes a estes núcleos evangelizadores, faz-se possível sentir a presença do Cristo. Tudo isso perpassado pela defesa da vida e da dignidade humana, lutando por sua libertação, iluminada e

vivida segundo o mistério pascal de Cristo, pois “em nenhum outro se encontra a salvação; pois, debaixo do céu não foi dado aos homens outro nome pelo qual possamos salvar-nos” (At 4,12).

Referências Bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2002.

BEOZZO, José O. O Concílio Vaticano II: Etapa preparatória. In: *Vaticano II, 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2015, p.9-37.

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder*. 3ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: Epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. *Revista Espaço Acadêmico*, Rio de Janeiro, n. 111, p.81-89, Ago, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/File/10681/5854>. Acessado em 20 Set. 2018.

CELAM. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões de Puebla. 5. ed. Paulinas, 1983.

LUMEN GENTIUM, sobre a Igreja. In. *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p.39-139.

COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Trad. Jorge Soares. Petrópolis: Vozes, 1975.

JUNGES, Fábio C. *Teologia e Método: uma hermenêutica da teologia latino-americana*. Frederico Westphalen: URI Frederico Westphalen, 2012.

KONZEN, João A. Uma ética teológica para nosso tempo. *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, n.41 e 42, p.86-89, set. 2005a.

KONZEN, João A. Princípios norteadores da moral latino-americana: o que é específico? *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, n.41 e 42, p.90-94, set, 2005b.

KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. 2ed. São Paulo: Paulus, 2009.

LORSCHIEDER, Aloísio. Linhas mestras do Concílio Vaticano II. In: *Vaticano II, 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2015, p.39-49.

LORSCHIEDER, Aloísio. O mundo e a Igreja na véspera do Vaticano II. *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, n.3, p.5-9, mar, 1996a.

LORSCHIEDER, Aloísio. Aloísio LORSCHIEDER. *O mundo e a Igreja na véspera do Vaticano II O Vaticano II e o diálogo*. *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, n.3, p.36-69, mar, 1996b.

LORSCHIEDER, Aloísio. *Eclesiologia do Vaticano II*. *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, n.3, p.40-43, mar, 1996c.

LORSCHIEDER, Aloísio. 30 anos de vaticano II no Brasil. *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, n.3, p.44-52, mar, 1996d.

MASLOWSKI, Adriano A.; DIEKMANN, Leonardo E. A Igreja De Medellín: Um Olhar Hermenêutico a partir da História. *Caminhando com Itepa*, Passo Fundo, ano 35, n.124, p.45-62, nov. 2018.

SOUZA, Ney de. Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007): Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe. *Revista de Cultura teológica*, São Paulo, v.16, n.64, p.127-146, jul/set. 2008.

Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15533/11599>

Acesso em: 20 Set. 2018.

SOUZA, Ney de. Da Igreja doméstica à paróquia: aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 13, n.83, p.159-172, jan./jun. 2014. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/19228/15086>

Acesso em: 20 set. 2018.